

SAÚDE E BELEZA: UMA ANÁLISE DOS PADRÕES CORPORAIS DE PALMAS SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO

HEALTH AND BEAUTY: AN ANALYSIS OF PALMAS' BODY PATTERNS FROM A GENDER PERSPECTIVE

Jeany Castro dos Santos 1
Temis Gomes Parente 2

Resumo: O texto apresenta reflexões sobre a cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins, no período de 2006 a 2016, referente aos padrões corporais sustentados em ideais de beleza que valorizam a magreza e condenam quem dela se afasta. Os dados analisados foram coletados pelo Ministério da Saúde em uma pesquisa de avaliação de caráter contínuo sobre os fatores de risco e proteção para doenças crônicas. Os resultados revelaram que Palmas, durante os dez anos avaliados, foi a capital do Brasil que obteve os menores índices em relação ao excesso de peso e hipertensão arterial e o terceiro menor em relação ao diabetes. Neste ensaio levantamos algumas questões sobre a importância da arquitetura urbana de Palmas para o estímulo de atividades físicas pela população o que pode ter contribuído para os resultados da pesquisa em questão.

Palavras-chave: gênero; corpo; beleza; saúde; atividade física.

Abstract: The text presents reflections on a city of Palmas, capital of the State of Tocantins, from 2006 to 2016, referring to body patterns based on beauty ideals that value the thinness and condemn those who move away from it. The data analyzed were collected by the Ministry of Health in a continuous evaluation survey on risk factors and protection for chronic diseases. The results revealed that Palmas, during the consecutive years, for a capital of Brazil that obtain the lowest indices in relation to the excess weight and hypertension and the third smaller in relation to diabetes. In this work we raise some questions about an importance of the urban architecture of Palmas for the stimulation of activities and acute agencies; that may have contributed to the results of the research in question.

Keywords: gender; body; beauty; Cheers; physical activity.

Doutorado em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Especialização em Elaboração e Gerenciamento de Projetos Públicos pela FAESP e Especialização em Formação de Professores para o Ensino Superior pela ULBRA. Bacharel em Sistemas de Informação pelo CEULP/ULBRA e Licenciada em Matemática pela UNITINS. Bolsista CNPQ EXP-B. Atua principalmente nos seguintes temas: Gênero, Políticas Públicas, Desenvolvimento Regional, Federalismo, Gestão Social e Ciência e Tecnologia. E-mail: jeanycastros@gmail.com

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Piauí (1986), mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1996) e doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2001). Fez Pós-Doutorado pelo CEDEPLAR/UFMG (2010). Atualmente é Professora Associada IV da Universidade Federal do Tocantins. Bolsista de Produtividade. Foi colaboradora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Coordenou o Doutorado Interinstitucional - DINTER - junto ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006-2011). E-mail: temis.parente@uol.com.br

Introdução

O século XXI está sendo marcado pela dicotomia pressa-sedentarismo. Enquanto o tempo não para, a vida mantém-se num ritmo acelerado, a sensação é que ao dia deveriam ser acrescentadas horas. Por outro lado, nunca se esteve tão parado, as pessoas não andam mais a pé ou utilizam a bicicleta para se locomover. A mobilidade urbana foi a cada dia sendo adaptada aos automóveis em detrimento dos pedestres ou ciclistas, os espaços de lazer e atividades esportivas foram sendo substituídos por cinemas, shopping e lanchonetes *fest food*. Doenças como ansiedade, depressão, obesidade e outras correlatas cresceram de forma assustadora neste século e a expectativa da Organização Mundial da Saúde é de um cenário ainda mais sombrio.

No centro desta reflexão está o “corpo”, objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, desperta o interesse de pesquisadores que buscam entender a sua representação política a partir do conceito foucaultiano de poder, apresentado por Scott (1990, p. 20) no qual consiste na ordem social que se mantém por “constelações dispersas de relações desiguais construídas pelo discurso nos ‘campos de forças’”. O corpo permeia o imaginário social e assume diferentes configurações a depender do tempo, do contexto social e das civilizações, ora é objeto de prazer, ora de dor, ao mesmo tempo em que representa poder gera sujeição, constitui-se com símbolo de liberdade e ao mesmo tempo de prisão.

No que se refere à história, o corpo esteve no centro das grandes revoluções, neste contexto o movimento feminista representa o maior deles. O corpo sempre esteve a serviço do poder, controlado por meio de regulações, o sexo feminino sempre foi o mais afetado, nas palavras de Freire (2011, p. 471) “Muda a forma de aprisionamento, mas mantêm-se as prisioneiras, só que não mais moral que lhes bloqueava o livre acesso ao sexo, e sim da estética da magreza”.

O posicionamento de muitos pesquisadores e pesquisadoras é que estaríamos diante da necessidade de uma nova revolução, dado o grau de disciplina imposta ao corpo pelo ideal de beleza ou pelo que o autor Maciel Junior denominou de “moralidade do belo” seu questionamento maior é “como valorizar o corpo [transexuais, bissexuais, hetero, homo, obesos, magros, de todas as cores, idades e formas], seus direitos e sua dignidade, sem transformá-lo numa espécie de relíquia isolada do coletivo” (MACIEL JUNIOR, p. 32, 2016).

Ao analisar a cidade de Palmas por detrás do título de capital mais magra do Brasil, vem o questionamento “o que Palmas tem de diferente das outras capitais que a colocou nesta posição por uma década?” Duas hipóteses se mostram válidas para um estudo inicial, a primeira ampara-se nos estudos de Denise Sant’Anna que relaciona o sedentarismo à questão da falta de mobilidade dos grandes centros e o segundo no estudo de Maciel Junior que se remete a modelos alternativos de construção do belo, sendo este mais ligado à busca pela saúde.

O corpo: da representação clássica grega à contemporaneidade

O corpo na visão clássica está para além do biológico “ser tão bela quanto Vênus, encantar como uma Ninfa, desfilarem como um Adônis, ser tão forte como Hércules” (GOLDHILL, 2007, p. 7) pertence ao imaginário social do ser humano e interfere tanto na linguagem como no comportamento.

As regras corporais vigentes nas sociedades ocidentais do século XXI segue com fidelidade o padrão grego, as esculturas gregas são até hoje referência para o corpo masculino “O torso delgado, porém musculoso, a elegante simetria da figura, o equilíbrio, giro da cabeça ou a curva da forma atlética produziram uma imagem tão fortemente arraigada na imaginação ocidental que é difícil considerá-la de uma nova maneira ou através de um prisma histórico” (GOLDHILL, p. 19, 2007).

O assédio que a sociedade atual sofre com os apelos da mídia veiculando um ideal de magreza e juventude a ser conquistado a todo custo era o mesmo que um cidadão grego sofria, os espaços públicos e privados da cidade eram inundados com imagens “[...] por todos os lados erguia-se uma floresta de estátuas – de atletas, heróis falecidos, generais, benfeitores civis, deuses” (GOLDHILL, 2007, p.19). Nas casas, as “panelas e taças eram decoradas com imagens primorosamente pintadas – um batalhão de corpos perfeitos [...] imagem de masculinidade, exercitadas e reverenciadas” (GOLDHILL, 2007, p. 20).

Os gregos eram obcecados pelo corpo perfeito e buscavam em especialistas conselhos tanto para as práticas esportivas quanto para alimentação e cuidado com o corpo. Havia uma necessidade

moral de moldar o corpo a um padrão esculpido em obras de arte cujo modelo apontava para um ideal a ser seguido, assim,

o condicionamento físico requeria treinamento e isso significa principalmente ir ao ginásio. O ginásio, além de ser um local para as atividades físicas, era um local em que os corpos podiam ser exibidos. Os ginásios eram frequentados exclusivamente por homens da alta nobreza. Os exercícios eram praticados sem roupa, em algumas modalidades, como corrida, o pênis era amarrado para trás (GOLDHILL, 2007, p. 20).

É possível perceber inúmeras semelhanças entre o comportamento grego e das sociedades ocidentais atuais. As atividades físicas exigiam disciplina e regularidade, na atualidade o mesmo acontece, as práticas corporais dos gregos eram realizadas em ginásios, os ginásios representavam para os gregos os espaços públicos em que os corpos eram moldados e expostos, na atualidade as atividades físicas podem ser realizadas tanto em clubes e academias quanto em áreas públicas como ruas, praças e praias.

Enquanto os gregos praticavam suas atividades corporais sem roupas, os adeptos dos esportes de hoje usam roupas leves e coladas ao corpo o objetivo era, sobretudo, exibir os corpos malhados. O julgamento é um aspecto importante para a prática de atividades esportivas, pois é nesse momento que os corpos são comparados com o padrão original, o que em nada se distingue dos gregos (MELO, 2011).

O julgamento é colocado à prova através dos famosos “*selfies*” que ao serem veiculados nas redes sociais (fóruns, blogs, *facebook* e *twitter*) recebem o retorno dos “seguidores” que ao comentarem ou curtirem emitem o seu julgamento, e este é o prêmio pela exposição (PÉQUIGNOT, 2016; TUCHERMAN, 2016).

Outra característica dos gregos que ressoa na atualidade diz respeito à classe social. A grande maioria dos praticantes de atividades esportivas pertencem à burguesia, visto que este ambiente é permeado por relação hierárquicas que se impõe pelas condições financeiras. O fato de disporem de tempo e recursos financeiros para adquirir equipamentos adequados, alimentação balanceada e orientação profissional não só inibe os mais pobres, quanto os impossibilita de frequentarem os mesmos ambientes, mesmo que estes sejam públicos.

Como pôde ser observado, a preocupação da sociedade atual com o corpo não tem nada de novo, passa pelas mesmas relações de poder vividas pela sociedade grega, a preocupação com a aparência, os cuidados com o corpo, com os exercícios e com uma dieta balanceada são hábitos herdados dos gregos. A exibição e o julgamento também aconteciam entre os gregos, o ginásio “era onde se podia ver outros homens, compará-los e comparar a si mesmo com a imagem do corpo perfeito”. (GOLDHILL, 2007. p. 22)

O ideal grego para o corpo possuía algumas exigências, o corpo deveria possuir medidas que expressasse força e resistência, não deveria ser gordo para não parecer preguiçoso e nem magro que pudesse ser confundido com o corpo da mulher, neste sentido, possuir algum traço do corpo feminino era visto de forma negativa e, portanto deveria ser evitado, pois se parecer com uma mulher significava ser desprovido de poder “pálido, esquelético, flácido, trêmulo, fraco e úmido” (GOLDHILL, 2007, p. 21).

A explicação à rejeição masculina em relação ao corpo feminino encontra amparo no “modelo do sexo único” que defendia a ideia apenas do sexo masculino. A mulher representava um homem imperfeito, com o sexo invertido, para dentro. Este aspecto a tornava inferior e, portanto, passível da posição de sujeição (SORDI, MOREIRA 2016, apud LAQUEUR, 1992)

O corpo masculino deveria ser definido pelas práticas esportivas e possuir as seguintes características: músculos trabalhados, abdômen de tanquinho, peitoral definido, torso revelando a crista do ilíaco, panturrilha delineadas, pênis pequeno, cabelos cuidadosamente penteados. De acordo com Goldhill (2007) um ideal difícil de ser alcançado.

O corpo do cidadão grego era uma propriedade pública. “despido no ginásio, relaxando no simpósio, andando pela rua, falando na assembleia ou no tribunal, o corpo estava lá para ser

observado e comentado” (GOLDHILL, 2007, p. 27). O corpo exposto ao julgamento social revelava o grau de comprometimento que o homem deveria possuir com a vida pública. O cuidado com o corpo era uma demonstração de espírito público do cidadão grego, quanto mais belo e forte parecesse mais poder possuía.

Tomar o corpo como uma propriedade pública faz com que o controle sobre o corpo se torne cada vez mais devastador, pois tanto escraviza quem é o responsável pela manutenção do padrão, quanto puni quem não consegue se adequar às formas exigidas (NOVAES, 2011; FREIRE 2011; TUCHERMAN, 2016). Ao mesmo tempo em que o corpo era considerado uma propriedade pública, a obrigação por moldá-lo deveria ser uma obrigação individual. O público e o privado se confundem numa busca doentia em busca de um corpo perfeito.

Importante perceber que o ideal grego do corpo perfeito é masculino, as regras, o cuidado, os exercícios e o controle eram voltados para o corpo do homem, o corpo feminino por sua vez estaria atrelado a uma deformidade - um homem deformado. Enquanto o corpo da mulher é descrito como “poroso e esponjoso”, o corpo do homem era enaltecido como “seco, quente, duro e ativo”. O corpo da mulher era tido como inadequado; o cânone do corpo perfeito era o masculino (GOLDHILL, 2007p. 44).

Apesar de a sociedade grega subjugar o corpo feminino, atribuindo ao corpo da mulher características pejorativas, existiam na cultura grega padrões femininos que inspiram a sociedade ocidental atual, a deusa Afrodite é um desses exemplos, representada em duas imagens gregas a da estatua da deusa Afrodite de Cnidos e da deusa Afrodite de Calipígia. As imagens eram famosas por sua beleza e erotismo (GOLDHILL, 2007).

As representações dos corpos masculino e feminino eram diferentes na cultura grega, enquanto o corpo masculino era comparado com força e poder o corpo feminino era associado à sexualidade. Mais uma herança difícil de ser ignorada, enquanto o homem busca se diferenciar pelo poder, a mulher tem na sexualidade um ideal a ser alcançado.

Os estereótipos que permeia o imaginário da sociedade atual, como padrões a serem seguidos são: os atletas para a construção do corpo masculino e as manequins para a construção do corpo feminino, inclusive estes estão entre os profissionais mais bem pagos da atualidade e não é uma coincidência que são as profissões que mais tem sua imagem projetada pela mídia (TUCHERMAN, 2016).

A busca pelo ideal de corpo grego na contemporaneidade recebe influência do filósofo Friedrich Nietzsche e seus contemporâneos “[...] Essa personificação do mito grego se entranha na imaginação cultural do Ocidente e sobrevive como uma herança em todos nós [...] Ser grego em nossos corpos pode parecer uma fantasia de Nietzsche. Mas é um ideal que muitos, conscientemente ou não, partilham ainda hoje” (GOLDHILL, 2007, p. 30).

Aos que pretendem alcançar a perfeição moldada pela forma, acabam sendo levados a adotar uma linguagem e comportamento que constrói no imaginário social uma subjetividade carregada de ideologia. Manter comportamentos homogêneos sempre foi a tônica de uma ordem social dominante, ao criar um estereótipo ideal, este passa a ser desejado e buscado, visto que se constitui como uma forma de ser reconhecido e enaltecido socialmente.

Para Maciel Junior (2016) quando este padrão transforma-se em uma tendência, não só mantém viva uma ordem social dominante quanto cria, o que o autor denominou de “tirania da beleza”, ou seja, o modelo não é visto apenas como uma inspiração, mas sim como uma obrigação a ser alcançada (MACIEL JUNIOR 2016; NOVAES, 2011; FREIRE 2011).

A mídia ocupa lugar importante na manutenção da “tirania da beleza”, ao veicular imagens de modelos magras, jovens e aparentando saudáveis; aparatos tecnológicos os mais diversos que vão desde equipamentos esportivos a suplementos alimentares; dispositivos cosméticos que vendem a eternização da juventude e procedimentos cirúrgicos que prometem retirar o excesso e acrescentar a falta, esse apelo acaba por padronizar condutas e impor deveres (MACIEL JUNIOR, 2016; TUCHERMAN, 2016; FREIRE 2011; SOUZA, 2010).

Para expressar a busca pelo ideal de beleza contemporâneo o autor Maciel Junior (2016) utiliza a expressão “moralidade do belo” que busca no conceito de moral, comportamentos socialmente aceito, não necessariamente consciente ou aceito sem a vontade de negar, mas sim como tornar a vida um objeto de julgamento (GOLDHILL, 2007; MACIEL JUNIOR, 2016). A concepção

de belo para a cultura grega é concebido como condição de avaliação, quanto mais próximo do protótipo original mais belo ele seria.

Na sociedade contemporânea o ideal de belo é determinado e construído “pela mídia, aparatos tecnológicos, dispositivos cosméticos, cirúrgicos, medicinais, sexuais, que padronizam condutas e impõem deveres” (Maciel Junior, p. 32, 2016). Esse modelo se mostra tirano à medida que as pessoas não esboçam resistência e aceitam como natural o padrão imposto “A imensa regulação social que sobre ele [corpo] incide leva o sujeito a acreditar que só é velho/feio/gordo/doente quem quer e não se cuida” (VILHENA, NOVAES e ROSA, 2016, p. 156).

Ao colocar o padrão a ser alcançado como condição individual para ser aceito no coletivo acaba gerando uma busca implacável que alimenta uma rede de produtos e serviços composta por procedimentos cirúrgicos, produtos alimentares e cosméticos, moda esportiva e serviços profissionais ligados à medicina e atividades esportivas (VILHENA, NOVAES e ROSA, 2016; TUCHERMAN, 2016; SOUZA, 2010). Juntas, obesidade e velhice constituem-se a face mais tirana da beleza.

Assim como a idade cronológica, a aparência do corpo funciona como um critério de atribuição de *status* nas sociedades ocidentais modernas. Ao se deixar dominar por valores universais que determinam o momento de se casar, de ter filhos, de entrar e sair do mercado de trabalho, tendo como referência uma cronologia que ajusta as pessoas em fases rígidas (criança, jovem, adulto e velho) acaba por impor sobre o indivíduo um processo de exclusão social que é impossível de ser evitado, neste aspecto distingue-se da questão do peso, visto que existe um limite. Com a velhice não é assim, não existem meios de parar o tempo, apesar desta ideia ser amplamente explorada pela indústria de cosméticos e de cirurgias plásticas (MORAES, 2016, p. 429).

O comportamento contemporâneo em busca do padrão corporal tido como “belo” é mais complexo do que se mostra à primeira vista, neste sentido faz-se necessário reportar aos ideais de Nietzsche sobre beleza. Para o autor a beleza não existe em si, não é algo real e concreto, o que existe é uma construção do “belo” como padrão normativo que sujeita o indivíduo a uma vontade dominante (MACIEL JUNIOR, 2016 apud Nietzsche, 2006). Para entender como o processo de dominação acontece reportamos a ideia de que existe um poder central e este é mantido por vários centros de poder que se retroalimentam mantendo o poder central (SCOTT, 1990).

Para Maciel Junior (2016 apud Nietzsche, 2006) tanto o belo como o feio são construções humanas em que o belo faz alusão ao vigor, à vida, ao poder e o feio, à impotência, à morte, ao declínio. Ao atrelar a beleza à saúde, busca-se uma isenção social para “um modo de vida ético isento de toda moralização transcendente” (Maciel Junior, 2016, p. 32).

A leitura que Maciel Junior (2016 apud Nietzsche, 2006) faz do corpo está muito relacionada à ideia de potência, força, poder, e sendo esta uma condição natural do corpo, se estabelece através de relações hierárquicas em que se manifesta através da capacidade que uma força tem de afetar e ser afetado pela outra parte, ou seja, “dada uma relação de forças, há sempre um princípio condicionando essa relação. A força é quem pode, mas quem quer é a vontade” (Maciel Junior, 2016, p. 34), neste sentido a vontade busca “expressar-se, manifestar-se, afirmando sua diferença pela criação de valores e pela atribuição de sentidos” (Maciel Junior, 2016, p. 34 e 35).

De acordo com a filosofia de Nietzsche a vontade de potência é um querer dominar, relação de poder como prática de dominação. De acordo com Vilhena, Bacchini e Madureira (2016) a vida se torna feliz à medida que se aproxima do padrão ideal de beleza, ao que se distancia são aplicadas medidas coercitivas. Em Maciel Junior (2016, p. 35) “Há sempre um ideal de uma boa vida associada a uma promessa fictícia de felicidade. Dentre tais ideais, existe o ideal normativo de beleza, a pura forma com um metro padrão que deve ser alcançado”. Essa busca é estimulada pela competição, pela bravura, pela vitória, pela plenitude, pela necessidade de poder.

Maciel Junior (2016) chega ao seguinte entendimento: o ideal de beleza é inseparável do ato ou efeito de julgar àqueles que se obrigam a alcançar a perfeição da forma, entretanto, de acordo com Novaes (2011), acredita-se que existam formas de resistência como a criação de modelos alternativos ao “belo homogêneo” nela, diz o autor “todos os sentimentos são exaltados e postos em conjunção no limiar de uma forma que exprime a intensidade de um querer pleno de afeto, alegria e vitalidade” (MACIEL JUNIOR 2016, p. 41).

A angústia em perceber o nível de aprisionamento que as pessoas estão sujeitas,

especificamente, no que se refere à busca pela beleza, motivou vários autores a registrar em seus estudos, questionamento em torno dos malefícios causados pelos rígidos padrões de magreza e juventude.

Construções do corpo no Brasil

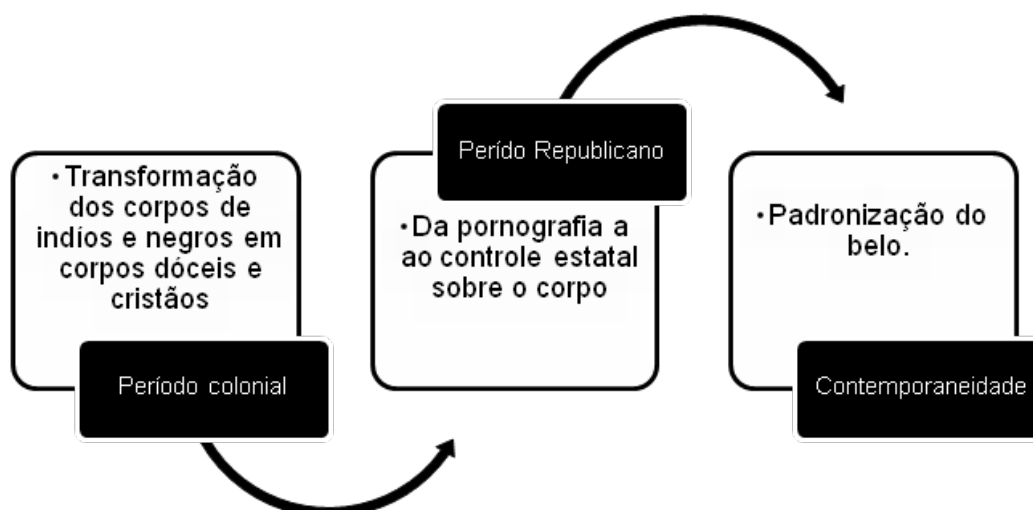
O conhecimento do corpo é, por excelência, histórico. Para Goldhill (2007) a história é importante para entender o que somos e como isto afeta nossa vida na sociedade. A partir deste esclarecimento apresentamos alguns aspectos sobre o processo de construção do imaginário sobre os corpos que julgamos importante para este estudo. O objetivo é situar historicamente as diferentes construções sobre o corpo e como as diferenças de gênero perpassam as representações do corpo no que se refere à tríade magreza-saúde-esporte.

Para contextualizar o processo de construção dos corpos, Priore e Amantino (2016) traz 3 (três) momentos marcantes do Brasil. O primeiro diz respeito ao projeto português de tentativa de domesticar os índios e transformá-los em súditos cristãos. Tentativa semelhante foi realizada com os negros em que se utilizava da figura de imagens religiosas negras com o fim de torna-los cativos. Nesse período da história brasileira ser gordo era sinônimo de formosura e prosperidade (FREIRE, 2011)

Na transição do período colonial para o período republicano iniciam-se as discussões relacionadas à sexualidade e esterilidade, bem como soluções encontradas pela própria sociedade para lidar com as novas preocupações. No período republicano, questões como doenças, bebida, morte e higiene foram vastamente explorados visto que era o problema vivenciado naquele momento específico da sociedade Brasileira.

As questões contemporâneas representam as preocupações atuais sobre os usos que fazemos de nossos corpos, a este respeito promoveremos reflexões sobre magreza *versus* excesso de peso e obesidade e beleza *versus* feiura e esporte saúde (MACIEL JUNIOR, 2016; NOVAES, 2011; FREIRE 2011). A figura apresenta os três marcos históricos do processo de construção dos corpos no Brasil.

Figura 1: histórico do processo de construção dos corpos



Fonte: Elaboração própria com base em Priore e Amantino (2016)

Até 1900 as mulheres não participavam dos esportes, no entanto, foi a partir deste período que as mulheres passaram a ser aceitas nas arquibancadas fazendo com que o esporte fosse considerado não somente uma prática saudável, mas um ambiente familiar em que a presença feminina era responsável por embelezar o ambiente. No esporte em si, as mulheres só vieram a participar na segunda metade do século XX (MELO, 2011).

Foi em maio de 1910 que houve a primeira aparição das mulheres num campeonato de luta ocorrido no Teatro São Pedro de Alcântara em São Paulo, organizado pelo empresário paulista Francisco Serrado (MELO, 2011). A partir de 1930 o esporte torna-se moda, sobretudo em função da popularização do cinema. Entre 1950 e 1970 ocorre um crescimento das grandes cidades, fazendo com que cada vez mais as pessoas se preocupassem com o cuidado do corpo. Cresce também a necessidade de valorizar o contato com a natureza como forma de fugir dos ambientes insalubres dos grandes centros (MELO, 2011).

Na década de 80, período do regime militar houve uma tentativa de massificar o esporte por meio da campanha denominada pelo governo militar “Esporte para todos”. Neste período, de acordo com Sant’Anna (2000) houve uma massificação das academias de ginástica e uma banalização dos cuidados com o corpo, incluído neste, terapias, regimes e lazer. Para Teixeira (2009) o objetivo deste projeto era criar corpos úteis e obedientes, passíveis de controle pelo governo.

Sant’Anna (2000) descreve ainda que os novos hábitos dos brasileiros tinham por trás uma ideologia que buscava associar o corpo esportivo ao sucesso, ao dinheiro e ao risco. O discurso era “ser produtivo, descontraído, saudável e sexualmente feliz” é sob este argumento que o comércio de vitaminas e suplementos nutricionais ganha força.

O oposto ocorre na década de 90, os corpos “turbinados” deram lugar a corpos doentes, estressados, depressivos, com colesterol alto, problema de ansiedade e uma lista interminável de doenças degenerativas (artrose, artrite, esclerose) invadem os grandes centros urbanos. De acordo com Sant’Anna (2000, p. 244) as pessoas a cada dia iam se recolhendo “em seus lares e para dentro dos seus corpos, em busca de suas necessidades particulares ou mesmo de uma espécie de desaceleração preventiva”.

Ainda de acordo com Sant’Anna (2000) os grandes centros urbanos foram gradativamente diminuindo as áreas de lazer e saúde. Neste período uma redefinição para o corpo se apresenta muito mais como questão de saúde do que apenas como moda. Garantir padrões mínimos de qualidade de vida tornou-se urgente, o problema é que a arquitetura dos grandes centros já tinha sofrido modificações, este mais adequado ao tráfego de veículos e menos à locomoção de pedestres. Hábitos simples como andar a pé, correr, andar de bicicleta e nadar, acessíveis a todas as classes sociais já não era mais tão simples, a alternativa como clubes e academias não constituía uma realidade para a população de baixa renda, com isto, a obesidade passou a atingir principalmente as camadas mais pobres.

Por coincidência ou não o fato dos grandes centros abrigarem uma legião de pessoas sedentárias, que não possuem mais na vida cotidiana o hábito de se exercitar, mas que, todavia continuam submetidas às cobranças diárias dos ideais de magreza, tiveram que encontrar ou criar subterfúgios que dessem respostas ao ideal de magreza, de forma rápida e sem esforços. Esses mecanismos cresceram de forma assustadora no Brasil nas últimas décadas. De acordo com o estudo de Fernandes (2016, p. 2016) a homogeneização da magreza tem sobrecarregado principalmente as mulheres em todas as classes sociais.

No Brasil, 53% da população feminina faz regime. Nos últimos anos, o uso de remédios para perder peso cresceu 500%, assim nosso país é hoje o 3º maior consumidor de medicação para emagrecer no mundo. O Brasil é também o 2º país no mundo em número de cirurgias estéticas, a maioria realizada em pessoas jovens, entre 20 a 34 anos, para as quais ainda não são significativas as marcas do avanço da idade (FERNANDES, 2016, p. 212).

A relação com o olhar do outro, sendo este um espelho implacável que pode tanto dignificar como condenar, provoca na pessoa com excesso de peso a adotar dietas radicais para emagrecer e ser aceita socialmente. Para obtenção de reconhecimento do outro, usam discursos como “estilo de vida” para disfarçar distúrbios comportamentais que podem levar a doenças graves como a anorexia e bulimia.

Para Fernandes (2016, p. 219) este “estilo de vida” nada mais é que “fetiche privilegiado do controle do corpo na atualidade. É o corpo fetichizado que parece servir de estandarte ao projeto

higienizador e totalitário de controle da existência humana na contemporaneidade”.

Para Ribeiro e Miranda (2016) a mídia não teria poder em si mesmo se o homem não fosse um ser gregário, ou seja, se constituísse a partir da imagem e semelhança do outro,

se por um lado a busca pela beleza, pelo corpo perfeito, idealizado e imortal é causa de angústia e em especial de um tipo de angústia feminina, por outro, o homem constitui-se apoiado na imagem de seu próprio corpo e que por sua vez se constitui a semelhança do corpo do outro pelo processo de identificação, e é assim, buscando no outro o ideal de ser na vida que se estabelece o laço social” (RIBEIRO, MIRANDA, 2016, 190)

É diante de um cenário preocupante que transita entre o fardo de ser gordo e o ideal de magreza bem como das doenças que por um lado estão associadas à restrição alimentar como bulimia e anorexia e por outro causado pelo excesso de atividade física como vigorexia (FREIRE 2011). É neste contexto de dualidade que analisaremos os dados da pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde referente aos hábitos dos brasileiros que impactam no crescimento da obesidade e aumento da prevalência de diabetes e hipertensão. Apesar da pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde apresentar dados relativos à área da saúde, esta pesquisa tem o objetivo de analisar estes dados no que se refere à influência que os cuidados com o corpo possui em relação à construção dos ideais de beleza.

Palmas a capital mais magra do Brasil

Palmas, capital do Estado do Tocantins, foi considerada pelo Ministério da Saúde, a “capital mais magra do Brasil”, o estudo foi feito pela VIGITEL (Sistema de vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico). O sistema faz parte das ações do Ministério da Saúde para estruturar a vigilância de doenças crônicas não transmissíveis no país (BRASIL, 2016). A pesquisa foi realizada no período de 2006 a 2016, ou seja, 10 anos, em todas as capitais do país.

O “título” de capital mais magra do país foi atribuído a Palmas devido aos menores percentuais “excesso de peso” e “obesidade”. A esse respeito, a pesquisa considera hábitos como a prática de atividades físicas e sedentarismo, identificado pela pesquisa como inativos. O fato de ter obtido os menores percentuais no que se refere a excesso de peso e obesidade desperta dois questionamentos: estaria Palmas atendendo aos apelos impostos pelos ideais de beleza baseados na magreza ou estaríamos diante de um padrão alternativo de lidar com o que Maciel Junior (2016, p. 31) designou como “tirania da beleza”?

Para Novaes (2016, p. 118) apesar dos dados alarmantes sobre o crescimento do excesso de peso e obesidade e destas doenças terem se tornado um problema de saúde pública, com maior preponderância nas classes populares a “gordura não representa doença, tão pouco comida, transgressão”. Neste aspecto, o discurso de “estilo de vida” pode ser meramente um mecanismo usado para validação social e não um modelo alternativo em resistência à tirania do ideal de beleza, neste sentido, alerta Freire (2011, p. 459) “A preocupação com a beleza supera a com a saúde”.

A avaliação feita pelo Ministério da Saúde mostrou que o excesso de peso entre os brasileiros cresceu 26,3% em dez anos, passando de 42,6% em 2006 para 53,8% em 2016. Os dados da pesquisa revelam que o excesso de peso é prevalente entre os homens (BRASIL, 2016b, p. s/n). Esta informação mostra uma realidade diferente da detectada no estudo Freire (2011) em anos anteriores, ou seja, no período de 2002 a 2003, de acordo com a autora,

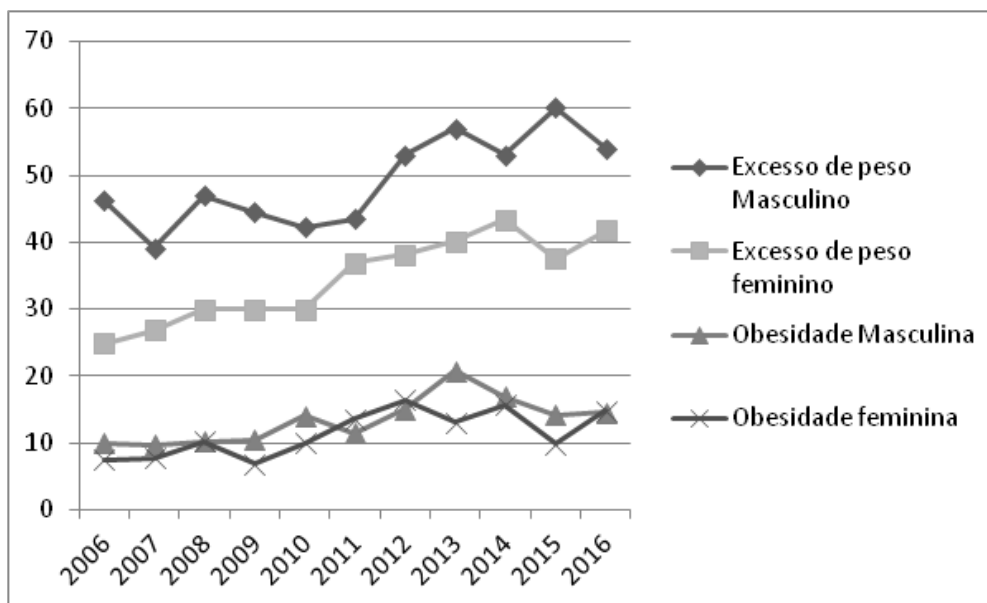
a população acima do que se considera peso ideal é de 28,8% do total, e os obesos respondem por 9,8%. As mulheres superam os homens nesse quesito. Enquanto 12,2% delas apresentam IMC acima de 30, apenas 7% da parcela masculina tem índices tão altos (FREIRE, 2011, p. 460).

Outro aspecto importante a ser ressaltado na pesquisa do Ministério da Saúde é que houve

um progressivo aumento do ganho de peso tanto de homens quanto de mulheres, “Os percentuais para os homens em 2006 era de 47,5%, em 2011 passou para 53,4%, chegando em 2016 a 57,7%. Na mesma proporção, as mulheres em 2006 apresentaram o percentual de 38,5%, em 2011 o percentual de 44,9% em 2016 de 50,5%” (BRASIL, 2016b, p. s/n).

Ao analisar os dados constantes do gráfico 1, percebemos que Palmas segue a tendência nacional no que se refere ao aumento dos percentuais de excesso de peso e obesidade, no entanto com algumas particularidades importantes de serem discutidas. Ao comparar os percentuais de excesso de peso entre homens e mulheres, observamos que os homens estão pelo menos duas casas decimais acima das mulheres, este dado pode estar associado à busca pelo padrão de beleza sustentado na magreza. No que se refere à obesidade, os percentuais oscilam de um ano para o outro ao comparar homens e mulheres. As mulheres ora apresentam os mesmos percentuais que os homens, ora estão abaixo, nunca acima. Este aspecto é importante dado ao nível de exigência sobre a adequação do corpo feminino aos padrões de beleza.

Gráfico 1: Dados referentes ao excesso de peso e obesidade entre homens e mulheres na cidade Palmas - TO



Fonte: Elaboração própria com base em dados Brasil (2006a, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016)

Os dados da pesquisa, considerando todas as capitais, relativos ao excesso de peso, diagnosticou que Rio Branco (AC) apresentou o maior percentual, com 60,6% e **Palmas o menor, com 47,7%** conforme figura 2. Outra informação importante é que o excesso de peso apresentou maior incidência entre 35 a 64 anos e a menor entre 18 a 24 anos, quando verificada a escolaridade, os que possuem menos anos de estudos são os que mais apresentaram excesso de peso (BRASIL, 2016b, p. s/n). Estes dados revelam disparidades entre sexo, idade e escolaridade.

Figura 2: Dados sobre excesso de peso entre as capitais



Fonte: Brasil (2017b, p. s/n)

No que se refere à obesidade, houve um aumento de 60%, saltando de 11,8% em 2006 para 18,9% em 2016. Esse dado do Ministério da Saúde encontra ressonância no estudo de Novaes (2016) em que afirma ser essa uma realidade brasileira.

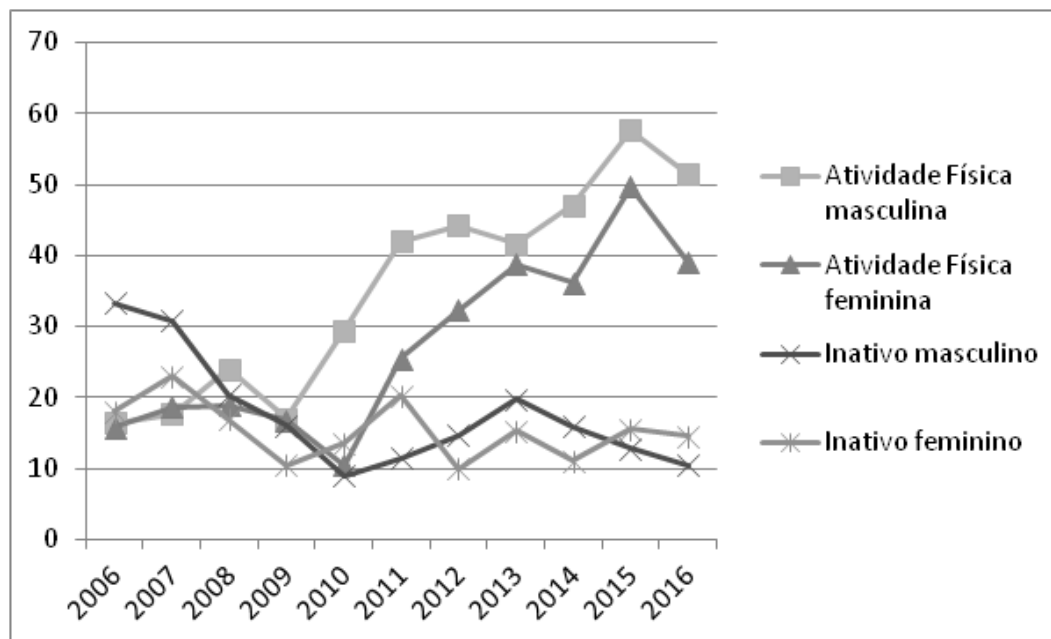
[...] não é novidade que o Brasil passou na última década de um país de desnutridos para um país de obesos. Competimos, ferozmente, com os Estados Unidos nessa dramática estatística. A menção acima, deve-se ao fato de ter chamado nossa atenção, a quantidade de guloseimas presentes nas moradias visitadas (NOVAES, 2016, p. 119).

Os estudos de Novaes (2016) trazem que nos critérios de beleza da sociedade ocidental atual, incluído o Brasil, cujo padrão enaltece a magreza a gordura é “a forma mais representativa de feiura e tem como um dos seus efeitos mais nefastos a exclusão socialmente” (NOVAES, 2016, p. 121).

De acordo com Brasil (2016b, p. s/n) os dados referentes a atividade física no tempo livre, revelaram que as práticas esportivas cresceram de 30,3% em 2009 para 37,6% em 2016 e que a faixa etária que mais pratica esporte está entre 18 a 24 anos, situação que vai decrescendo à medida que a idade vai avançando. No quesito referente à idade, a pesquisa não apresenta os dados por Estado, o que seria um dado importante para o nosso estudo.

No que se refere aos dados de Palmas, conforme gráfico 2, as atividades físicas têm maior prevalência entre os homens, no entanto, segue uma simetria ou equivalência no que se refere às mudanças de um ano para o outro. Quanto aos inativos que são as pessoas sedentárias, houve uma modificação importante no comportamento dos homens e mulheres, conforme pode ser observado no gráfico 2 de 2006 a 2016, houve uma queda acentuada e progressiva no percentual de inativos, ou seja, quase três casas decimais, enquanto as mulheres se mantiveram estáveis numa casa decimal.

Gráfico 2: Dados referente Atividade Física e Inativo entre homens e mulheres na cidade Palmas – TO



Fonte: Elaboração própria com base em dados da Vigitel (2006a, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016).

As atividades esportivas possuem relação direta com a busca dos padrões corporais vigente na atualidade. Esta afirmação encontra respaldo no crescimento da quantidade de pessoas buscando no esporte os padrões do corpo perfeito. Partindo do pressuposto que os padrões corporais são reforçados pela mídia e esta não se limita à mídia televisiva, mas se estende às redes sociais como fóruns, blogs, facebook, twitter e whatsApp. A exposição do corpo em roupas esportivas curtas e sensuais nos famosos “selfies” mostra o quanto estamos imersos ao poder que define a forma, neste sentido, de acordo com a Maciel Junior, (2016) quanto mais próximo do modelo, mais belo.

Padrões corporais de Palmas sob a ótica de Gênero

A representação da mulher sofreu alterações no decorrer no tempo “as mulheres são primeiramente definidas como agentes reprodutivas, em outros como educadoras das crianças da nação, e até como as executoras da moralidade, e novamente como subversoras da razão” (SCOTT, 2012, p. 336). A tentativa de inserir as mulheres nos mais diferentes contextos reforça a ideia de que gênero é uma questão política.

Ao chegar ao entendimento de que a questão de gênero é política, os estudos tendem a oferecer discussões mais qualificadas, pois orientam-se pelo conceito foucaultiano de poder, este princípio orienta as novas pesquisas a questionar os comportamentos sociais, fatos históricos e teorias que visam a manutenção do poder como natural e fixo, só assim, de acordo como Scott (2012, p 347) poderemos chegar a “uma nova visão sobre as diversas sociedades, culturas, histórias e políticas”.

Os padrões corporais que estabelecem como devem ser o corpo da mulher e do homem atravessa a história e perpassam todas as sociedades. O corpo do homem, ao que foi possível observar no referencial teórico, historicamente esteve ligado ao poder enquanto o da mulher à sexualidade. Se na cultura grega o rigor da forma estava voltado ao corpo masculino, na contemporaneidade esta exigência é imposta ao corpo feminino.

Neste sentido, os estudos feministas¹ que na década de 1970 buscaram a liberdade para o

¹ Sobre o movimento veja PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História, v. 24, n.1, p. 77-98, 2005.

corpo feminino, defendendo o “direito ao aborto, à liberdade sexual [e ao livre] agenciamento [dos] seus próprios corpos” Novaes (2011, p. 479), pode estar diante de um novo desafio, o de lutar pela liberdade da “forma”, em que os corpos estão obrigados a atender um ideal de beleza difícil de ser alcançado.

A pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde apresentando um crescimento no número de mulheres praticando atividades esportivas na cidade de Palmas, demonstra uma mudança no comportamento habitual destas mulheres antes restrito ao doméstico. O fato de estarmos sujeitas às regras rígidas dos padrões corporais não ofusca as conquistas do feminismo, que ao garantir a participação das mulheres em espaços antes frequentados prioritariamente por homens, como é o caso do esporte, constata o poder transformador do movimento feminista.

Palmas é uma cidade planejada e sua característica marcante são avenidas largas e a presença de vários espaços propícios às práticas esportivas como praças, ginásios poliesportivos, parques, lagos, cachoeiras e serra. De acordo com a lei nº 386, de 17 de fevereiro de 1993 (lei de uso do solo de Palmas), a cidade conta com áreas reservadas para lazer e cultura e áreas verdes.

As áreas denominadas de “livres” nos estudos sobre a cidade (ALBIERE, 2016), hoje são vastamente utilizadas para práticas esportivas e de lazer, são elas: praças nas quadras internas, a praça dos girassóis (a maior praça da América Latina); a Vila Olímpica (local onde foi realizado os jogos mundiais dos povos indígenas, compreende uma área de 6.159 metros quadrados), o Parque Cesamar (com 6.000 metros quadrados); o Parque dos Povos Indígenas (com extensão de mais de 17 km); o lago que banha um lado de Palmas (com uma orla em boa parte da sua extensão) e a Serra do Lajeado (onde são realizados esportes como ciclismo, motocross e assemelhados); cachoeiras (pelo menos 80 cachoeiras catalogadas, que servem para a prática de esportes radicais). Todas estas áreas são propícias às atividades físicas e influencia no comportamento de seus habitantes, o que acaba por proporcionar a maior participação de mulheres em atividades físicas em áreas abertas.

Okin (2005) traz uma importante contribuição para este estudo ao afirmar que a esfera pública apresenta relação direta com o que ocorre no privado “nós queremos dizer, primeiramente, que o que acontece na vida pessoal, particularmente nas relações entre os sexos, não é imune em relação à dinâmica do poder” (OKIN, 2005, p. 314), inclusive traz que o grau de sujeição das mulheres aos homens está intimamente ligado à dicotomia público/doméstico.

O fato de as mulheres estarem mais presentes nos ambientes de atividades esportivas sinaliza para uma mudança de comportamento também no ambiente doméstico de cuidado com a casa e os filhos. Para Okin (2005) são exatamente posicionamentos políticos legitimados ao longo da história, inclusive pelas sociedades contemporâneas que ao serem analisados pelos estudos de gênero, por meio da dicotomia público/privado se tornam passíveis de contestação, pois ao mesmo tempo em que se legitimam também sofrem alterações uma vez que as relações familiares e de mercado também foram alterados.

Algumas considerações

A busca por um padrão corporal socialmente aceito, em que as regras corporais são ditadas por uma “tirania da beleza”, deixa em alerta os pesquisadores que investigam as diferentes representações dadas ao corpo. A preocupação de autores como Novaes (2011) é: não estaríamos diante da necessidade de uma nova revolução em relação às imposições e limites sobre o corpo?

Este estudo aponta que a transgressão pode ter no mínimo duas faces, os que negam por completo o padrão de magreza e se tornam obesos e os que buscam alcançá-lo por meio de atos extremos como bulimia, anorexia e vigorexia. O ideal seria talvez a proposta de Novaes (2016) que as pessoas pudessem ter liberdade de exibir seus corpos como lhes convém “negros, ruivas sardentas, gordinhas, baixinhas, de cabelos enrolados ou penteado afro, todas exibindo seus corpos, com alegria, em lingeries comuns. Imagens nas quais o corpo feminino não aparecia objetificado” (NOVAES 2016, p. 113-114).

A realidade de Palmas chama a atenção uma vez por estar na contramão, inclusive de previsões da própria Organização Mundial da Saúde, em que pese ao aumento do número de obesos, por outro lado, os apelos para o corpo feminino se ajuste ao ideal de beleza sustentado na magreza pode estar influenciando o comportamento das palmenses. A pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde e analisada por este estudo, aponta que pode existir uma relação entre os

baixos percentuais de excesso de peso e obesidade à prática de atividades físicas.

Com o esporte, ocorre uma maior exposição do corpo, esta exposição torna mais efetivo o julgamento e por sua vez leva ao ajustamento do corpo aos padrões de beleza. Sendo o corpo magro e jovem o padrão vigente de beleza, quanto mais próximo estiver dele, mais aceito será, o contrário também é verdadeiro, aos que dele se afastar, a punição é o isolamento. Este isolamento tem provocado várias doenças e atingindo grande parte da população. Numa sociedade em que a beleza está intimamente ligada à magreza, o gordo é a maior representação de feiura (NOVAES, 2011).

O esporte é uma variável importante tanto na que diz respeito à busca pelo ajustamento à forma, quanto na busca pela saúde. O argumento da busca pela saúde carrega um grau de subjetividade que não pode ser ignorado, pois compreende um recurso para que o julgamento seja socialmente aceito. Este ensaio não teve a pretensão de oferecer respostas às formas de resistência do ideal de corpo perfeito, mas sim de provocar reflexões que possam levar a novas representações sobre o corpo tanto de mulheres como de homens.

Referências

ALBIERE, Lucimara Albieri de. **Espaços livre Públicos em Palmas**. (Online) 2017. 338 f. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) - FAUUSP, São Paulo, 2016.

BRASIL. **Vigitel Brasil 2006**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2008. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2006.pdf. Acesso em: 3/09/2017

_____. **Vigitel Brasil 2007**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2008. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2007.pdf. Acesso em: 3/09/2017

_____. **Vigitel Brasil 2008**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2009. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2008.pdf. Acesso em: 3/09/2017

_____. **Vigitel Brasil 2009**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2010. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2009.pdf. Acesso em: 3/09/2017

_____. **Vigitel Brasil 2010**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2011. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2010.pdf. Acesso em: 3/09/2017

_____. **Vigitel Brasil 2011**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2012. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2011.pdf. Acesso em: 3/09/2017

_____. **Vigitel Brasil 2012**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2013. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2012.pdf. Acesso em: 3/09/2017

_____. **Vigitel Brasil 2013**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2014. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2013.pdf. Acesso em: 3/09/2017

_____. **Vigitel Brasil 2014**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2015. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2014.pdf. Acesso em: 3/09/2017

_____. **Vigitel Brasil 2016:** Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2017a. Disponível em: http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/junho/07/vigitel_2016_jun17.pdf. Acesso em: 3/09/2017

_____. **Vigitel Brasil 2016: em uma década:** Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2007b. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/abril/17/Vigitel.pdf>. Acesso em: 3/09/2017

FERNANDES, Maria Helena. A construção do corpo na anorexia das meninas. In: NOVAES, Joana de Vilhena, VILHENA, Junia de. (org). **Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico** – Curitiba - PR: Alínea, 2016. Cap. 20, pp. 2011-222

FREIRE, Dirce de Sá. Com açúcar, sem afeto. In: PRIORE, Mary Del, AMANTINO, Marcia. (org). **História do corpo no Brasil** – São Paulo: Editora Unesp, 2011 Cap. 16, pp. 453-475.

GOLDHILL, Simon. **Amor, sexo & tragédia:** Como os gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje. Rio de Janeiro: Carlos Zahar Ed., 2007. 2016. Disponível em: < <http://zip.net/bstJr8> > Acesso em 02 de set.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate:** o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História, v. 24, n.1, p. 77-98, 2005.

MACIEL JUNIOR, Auterives. A potência do belo. In: NOVAES, Joana de Vilhena, VILHENA, Junia de. (org). **Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico** – Curitiba - PR: Alínea, 2016. Cap. 2, pp. 31-43.

MELO, Victor Andrade. O corpo esportivo nas searas tupiniquins – panorama histórico. In: PRIORE, Mary Del, AMANTINO, Marcia. (org). **História do corpo no Brasil** – São Paulo: Editora Unesp, 2011 Cap. 18, pp. 507-529.

MORAES, Andrea. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: PRIORE, Mary Del, AMANTINO, Marcia. (org). **História do corpo no Brasil** – São Paulo: Editora Unesp, 2011 Cap. 15, pp. 427-452.

NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: PRIORE, Mary Del, AMANTINO, Marcia. (org). **História do corpo no Brasil** – São Paulo: Editora Unesp, 2011 Cap. 17, pp. 477-506.

_____. Joana de Vilhena. Empanturrados de afeto, envergonhados da fome: corpo, maternidade e obesidade infantil. In: NOVAES, Joana de Vilhena, VILHENA, Junia de. (org). **Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico** – Curitiba - PR: Alínea, 2016. Cap. 8, pp. 111-125.

OKIN, Susan Moller. **Gênero, o público e o privado.** Estudos Feministas, Florianópolis, maio-agosto 2008.

PÉQUIGNOT, Catherine Desprats. O Fenômeno do Body art, do thigh gap e dos selfies sextos: exposição do corpo – exibição do “eu”. In: NOVAES, Joana de Vilhena, VILHENA, Junia de. (org). **Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico** – Curitiba - PR: Alínea, 2016. Cap. 4, pp. 59-73.

PRIORE, Mary Del, AMANTINO, Marcia. **História do corpo no Brasil** – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. MIRANDA, Elisabeth da Rocha. Corpo, beleza e angústia. In: NOVAES,

Joana de Vilhena, VILHENA, Junia de. (org). **Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico** – Curitiba - PR: Alínea, 2016. Cap. 12, pp. 179-191

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. As infinitas descobertas do Corpo. Cadernos pagu. p. 235-249, 2000.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, p. 5-22, dez. 1990.

_____. **Usos e abusos do Gênero**. *Projeto História, São Paulo*, n. 45, p. 327-351, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018>. Acesso em 1/07/2016.

SORDI, Barbosa, MOREIRA, Ana Cleide Guedes. A invenção da noção biológica de corpo e o sofrimento psíquico de mulheres. In: NOVAES, Joana de Vilhena, VILHENA, Junia de. (org). **Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico** – Curitiba - PR: Alínea, 2016. Cap. 3, pp. 45-58.

SOUZA, Karina Carvalho Veras de. **O feminino na estética do corpo**. *Polêmica*, v. 9, p. 65-71, 2010.

Teixeira, Sérgio. **O Esporte para todos: “popularização” do lazer e da recreação**. Recorde: revista de história do esporte, volume 2, n. 2, dezembro de 2009. pp.1-28 Disponível em: http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV2N2_2009_16.pdf. Acesso em 04/10/2017.

TUCHERMAN, Ieda. No escurinho do cinema: novos corpos e outras imagens. In: NOVAES, Joana de Vilhena, VILHENA, Junia de. (org). **Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico** – Curitiba - PR: Alínea, 2016. Cap. 6, pp. 87-100.

VILHENA, Junia de. (org). **Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico** – Curitiba - PR: Alínea, 2016.

_____, Junia de, BACCHINI, Alessandra Melo. MADUREIRA, Bruna. et. al. PÉQUIGNOT, Catherine Desprats. Sobre palavras engolidas e corpos inflamados: pensando algumas narrativas do corpo na contemporaneidade. In: NOVAES, Joana de Vilhena, VILHENA, Junia de. (org). **Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico** – Curitiba - PR: Alínea, 2016. Cap. 9, pp. 127-164.

_____. Junia de, NOVAES, Joana V., ROSA, Carlos Mendes. Tempos do envelhecer: corpo, memória e transitoriedade. . In: NOVAES, Joana de Vilhena, VILHENA, Junia de. (org). **Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico** – Curitiba - PR: Alínea, 2016. Cap. 10, pp. 147-1164.

Recebido em 10 de novembro de 2017.

Aceito em 2 de março de 2018.